

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de: J. DA SILVA GRAÇA, Limit.ª

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

Em fim, só!



Como vai cheio de esp'ranças,
Que se divirta por lá,
E dê beijos ás crianças...
Que a França manda p'ra cá...

PALESTRA AMENA

A lingua portugueza

Que os portuguezes são pessoas de lingua ruim, já um classico dizia em amenissima prosa, como que desmentindo aquella afirmativa, mas na verdade com carradas de razão, referindo-se aos que teem, não linguagem má, mas lingua venenosa, pronta a dizer mal de tudo e por tudo.

Vem tal corroboração a proposito da passagem do signatario d'elles as desataviadas palestras pela estação dos caminhos de ferro no Entroncamento, onde em data de 26 do mez ultimo teve de demorar-se durante hora e meia, á espera que o comboio para o norte seguisse, e onde almoçou á mesa redonda, com umas quarenta pessoas, entre elas dois inglezes e uma ingleza, seus vizinhos mais proximos, do lado direito. Tudo o mais, portuguez, na maior parte lisboetas.

Primeiro prato: guisado de vaca e batatas, em abundancia, agradavelmente condimentado; pãesinhos á vontade, de delicioso trigo, tres ou quatro, para cada comensal. Vinho á descripção. Os inglezes raparam conscientemente os pratos, o mesmo fez o J. Neutral e o mesmo fizeram os restantes parceiros, comentando de garfada em garfada:

—Esta carne não se pôde rilhar! que porcaria de batatas!

Seguiram-se bifes com batatas fritas. Iguais comentarios da maioria, o mesmo appetite silencioso dos inglezes e de J. Neutral. Depois, ovos preparados á vontade do freguez:

—Estão chocos!

—Não teem sal!

—Ninguem os pôde tragar!

Cheçou-se á fruta: peras e uvas, tambem em abundancia; queijo... E a má lingua a desdenhar.

—Estas peras estão verdes!

—Isto são uvas que se engeitaram por não servirem para vinho!

Para o criado:

—Traga outra fruta.

—Não ha.

—Parece incrível que não haja morangos!

—E gelados?

Por fim, chá para uns, café para outros; J. Neutral saboreou o café, que achou excelente, os inglezes tomaram chá, sem indicio aparente de desgosto.

Os outros portuguezinhos:

—Isto não é chá, é infusão de carama!

—Isto, café? é carvão!

Em roda, de bandeja, os criados receberam o dinheiro: 8 tostões por cabeça, menos do que se paga por um almoço em qualquer restaurante de Lisboa, onde não aparece vaca ha um mez, onde o pão se paga extraordinariamente, assim como o café, o chá, etc.

A maioria:

—Oito tostões? é um roubo!

—Vão roubar para a estrada!

Os inglezes, acendendo os charutos e recolhendo ao comboio:

—Oh! Yes! Bela almoço!

J. Neutral conhece, de Lisboa, dois dos comensais que assim ruidosa e indelicadamente se mostraram tão difíceis de contentar em tempo de guerra, quando nos melhores hotéis da Europa beligerante em jantares de gala não se servem mais de tres pratos, onde o pão é de palha e os preços excedem tres e quatro vezes os modestos oitenta centavos do Entroncamento: esses dois sujeitos—os que pediram morangos em setembro—são empregados n'um escritorio, ganham um escudo diario e em casa comem carapau de gato.

Ora os pelintras!

J. Neutral.

Estado-agudo

Agravou-se infelizmente, o estado de madurismo do sr. dr. Amilcar de Sousa; entrou demasiadamente pelo melão e o resultado foi este subir-lhe á cabeça, de modo que aí o temos a acreditar em bruxas e em outras coisas por igual maravilhosas.

Descreve Amilcar: «E' uma menina musculosa mas franzina, de claros olhos azues, cuja iris se retrai e alarga até á esclerótica, na mais pequena fixidez». E' o que vulgarmente se chama uma boa pétega.

Depois passa á experiencia que fez na menina, logo que ela acabou de retrair e alargar a iris:

«A sonambula dormia serenamente, respirando, como morta, olhos cerrados e o coração mal se precebendo. Entretanto escrevia.»

Aqui é que a perturbação mental de



Amilcar é mais inquietadora: é lá possível, por mais bruxa que uma pessoa seja, que respire como morta? «Entretanto escrevia.» acrescenta Amilcar, como aquele que dizia que era meia noite e entretanto chovia. Mas como havia ela de escrever se não sabe ler, porque lá diz Amilcar que «infelizmente não sabe ler a sonambula Alice que nasceu nas Caldas da Rainha?»

Note-se ainda que este menor sobre o logar do nascimento de Alice é tambem sintoma inquietador.

Não: enquanto nos quiz impingir bananas suportámo-lo benevolamente; agora a querer impingir-nos como banana de cheiro a menina Alice a respirar como morta e a pôr os olhos em alvo, só porque «quando era novita, sob a ação do sonambulismo, ia fazer de noite alguma tarefa esquecida dos arranjos domesticos», os despejos provavelmente, tenha paciencia mas não péga.

Notas?!

*Então este papélito
Que me meteram na mão
E' que é o meio tostão?
Ora adeus! não acredito!*

*Lá meio tostão de sebo
Deve ele ter, pelo cheiro;
Mas meio tostão dinheiro
Ou em papel... não percebo.*

*Se é pelo peso, avalio
Um miligramma e é favor;
Ou acaso o seu valor
E' dado pelo feito?*

*Tambem não vae, não aceito:
Uma criança de mama
Faria, ao colo da ama,
Um desenho mais perfeito.*



*Dimensões? Deixem-me rir!
Um pouco menos e a gente
Precisava d'uma lente
Para as poder distinguir.*

*Só se, enfim, pondo de banda
Estes contras, se avalia
Porque tem a garantia
Do Pereira de Miranda.*

*Como este, por profissão
E seus meritos provados
E' o pae dos engeitados
Perfilha o meio tostão.*

*E na verdade, faz bem
Porque esta pobre criança
Tem a maior semelhança
Com qualquer filho da mãe.*

3é Centavo.

Inodoros?!

Só tem febre tifoide quem quer, segundo a opinião do nosso querido dr. Amilcar de Sousa e segundo a nossa tambem, porque devemos dizer que estamos quasi convertidos á doutrina do ilu-tre naturista, restando-nos apenas algumas duvidas que ele facilmente desfará na primeira ocasião. Por exemplo: no artigo em que declara que quem come frutas não pôde ser atacado de febre tifoide, larga-nos esta: «Com a alimentação frugivora não ha a menor putrefação e os dejectos são inodoros.»

Com o devido respeito parece-nos que n'este ponto o doutor está equivocado. Ora cheire e verá.

Jesus Cristo-Rafael Marques

Anuncia-se para inauguração da época de inverno no teatro Apolo a peça de grande espectáculo *A Vida de Cristo*, cujos ensaios vão muito adiantados.

Consta-nos que o papel principal foi distribuído ao artista Rafael Marques, que pela primeira vez experimenta o drama e que, naturalmente, se mostra receoso do cometimento porque, por mais que procure, não encontrou ainda modelo vivo para se guiar.

Pois basta-lhe entrevistar o sr. Afonso Costa, cuja analogia com o divino salvador é flagrante—áparte o não ter nascido em nenhuma cavalaria. Foi menino entre os doutores, tem entrado varias vezes triunfante em Jerusalem e já vai subindo o Calvario sem dar por isso e sem que a cruz pareça pesar-lhe, antes muito satisfeito com tal contrapeso, não dando ouvidos ao *Crucifige eum*.

Vá, seu Rafael: vá antes que chegue a crucificação.

Completando um proverbio

Muito de louvar é certo decreto que beneficia mensalmente os funcionarios publicos com mais alguns papelinhos gravados na casa da Moeda e na Santa Casa da Misericórdia, excluindo os que vencem por ano 600 escudos, ou sejam, á antiga, obra de deseseis tostões por dia. Estes últimos são os que pela sua idade, sem a qual não podiam ter antiguidade burocratica que lhes desse jus a tão pingues vencimentos, são naturalmente chefes de numerosa familia. Pagam, por exemplo, quinze escudos mensaes de renda de casa: ficam com—outra vez á antiga—onze tostões e meio, com os quaes tem de sustentar quiza seis pessoas, vesti-las, pagar o ensino da filharada, a soldada da sopeira, etc., etc.

E' claro que para os srs. ministros,



habitados a pouquissima comida, a rudimentar indumentaria, a não usarem roupa lava-fa nem engomada, a quantia de 600 escudos parece fabulosa. Admitem-a nos outros, aceitam até que se ganhe mais; mas lá no fundo es-

EM FOCO

A vindimadeira



*Corta o dourado cacho e por cautela
Tira os bagos inuteis para o mosto;
Quando os vê madurinhos toma o gosto
Que mais doce não é que os labios d'ela.*

*Entre as parras, em toques de aguarela,
Brinca-lhe o sol amigo á flôr do rosto
Onde não ha a sombra d'um desgosto,
Tão bem lhe corre a vida, tão singela.*

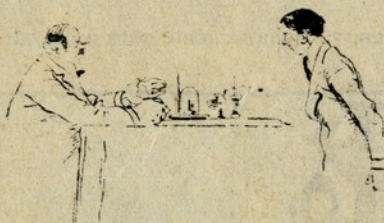
*Já volta pelo cesto, outeiro acima,
O moço que tomou ao seu cuidado
As dornas e o trabalho das vindimas.*

*Levanta os olhos quando o sente ao lado
E córam ambos, que são primo e prima
E hão-de ter parentesco mais chegado...*

BELMIRO.

A fisica do Marques

O Marques—não sabemos se já lhes dissemos—é professor de fisica n'um dos nossos mais afamados collegios. Ha



dias, n'uma lição de acustica, explicava ele aos discipulos:

—O som é transmitido pelo ar, com a velocidade de 340 metros aproximadamente, por segundo, o que dá origem a fenomenos curiosos...

E, procurando um exemplo de actualidade:

—Assim, na guerra, como os projecteis das armas modernas tem velocidade superior á do som, acontece que os soldados mortos pelas balas inimigas só de aí a alguns segundos é que ouvem o estampido do tiro...

tão convencidos de que os que, depois de anos e anos de serviço extenuante, de estudos e trabalhos esgotantes, de defesa dos interesses do Estado, tenham conquistado o direito a receber o dobro, é bom que fiquem reduzidos a metade, que a tanto equivale a invariabilidade no ordenado.

«Dar de comer a quem tem fome» é o principio que invocam para favorecer (e nada mais justo) quem vence menos de 600 escudos, «dar fome a quem tem de comer» é como completam aquele principio. E depois ficam muito espantados quando lhes dizem que vão para o raio que os parta.

Teatros

Os senhores querem ficar cheios de curiosidade? E' facil: leiam nos cartazes de teatro ou nos jornaes a relação das personagens de revista do ano.

Antes de esta subir á cena já as folhas começam a publicar, por partes, a dita relação para aguçar o apetite do publico. E aí começa logo um dos efeitos da peça, segundo a vontade do autor, qual é a de intrigar o publico. Assim, anuncia-se para breve uma revista do Eden, *O Az de ouros*, seguramente de enorme futuro exito (se é de Pereira Coelho, Galhardo e Barbosa!) e os jornaes publicaram a primeira lista, onde figuram a *Metempsicose*, o *Baralho*, o *Sentimento*, as *Almas simples*, as *Almas virgens*, etc.

Confessamos que todos nós somos curiosidade, incapazes de compreender. Em especial, as *Almas virgens* dão-nos no goto: sem ofensa ás atrizes que as hão de desempenhar, e que não sabemos quem seja, cremos que representariam com muito mais convicção as *Almas de chicharro*.

DE FÓRA

A grève dos carteiros

Lá vai ele, o carteiro da cidade. Na mala que tran-porta, diligente, Leva noticias d'um amor ausente, Quantas vezes um bello, uma saudade.

Fez grève agora que, na verdade, Tudo aumenta de preço grandemente E ao invéz do que julga muita gente O caso as-ume certa gravidade.

Dizem que á sua mente lhe acudiu Abandonar as car as e as muletas No mez em que no ano faz mais frio

E dão as «brôas» Inda os mais forretas, Mas n'essa asneira é que ele não calu Porque era um ar que dava nas gorgetas,

Bramão de Almeida.

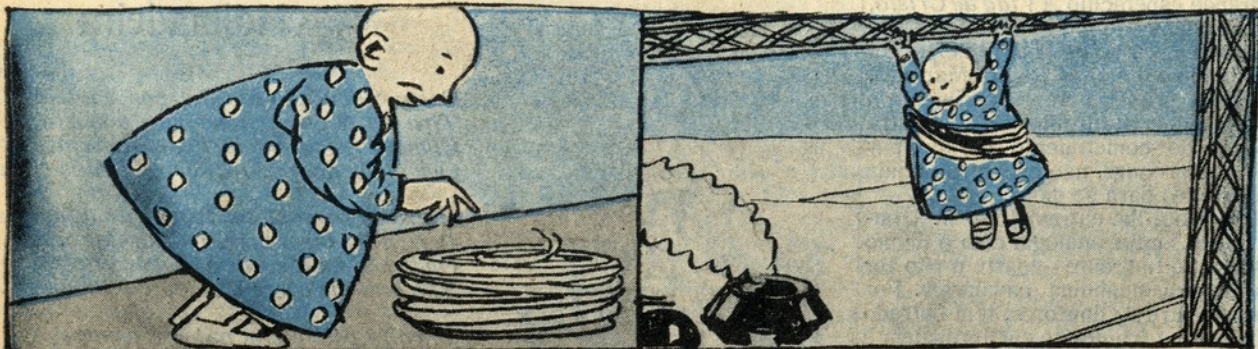
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

12.ª PARTE

O COMBOIO N.º 6

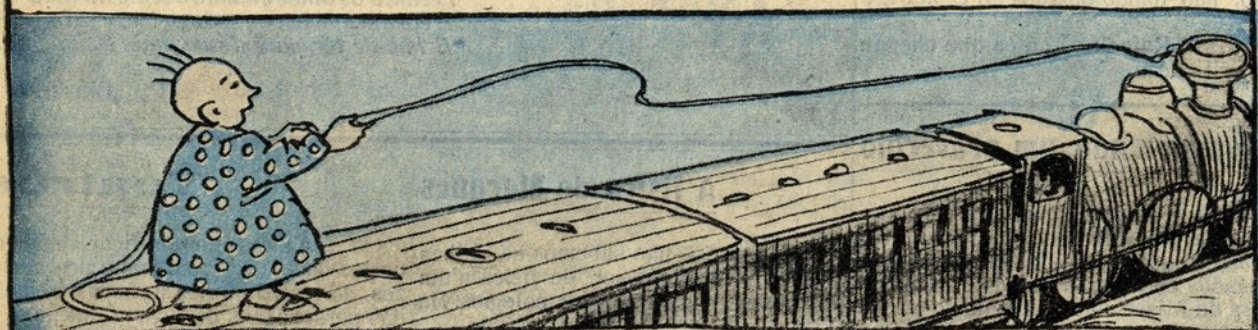
1.º EPISÓDIO

(CONTINUAÇÃO)

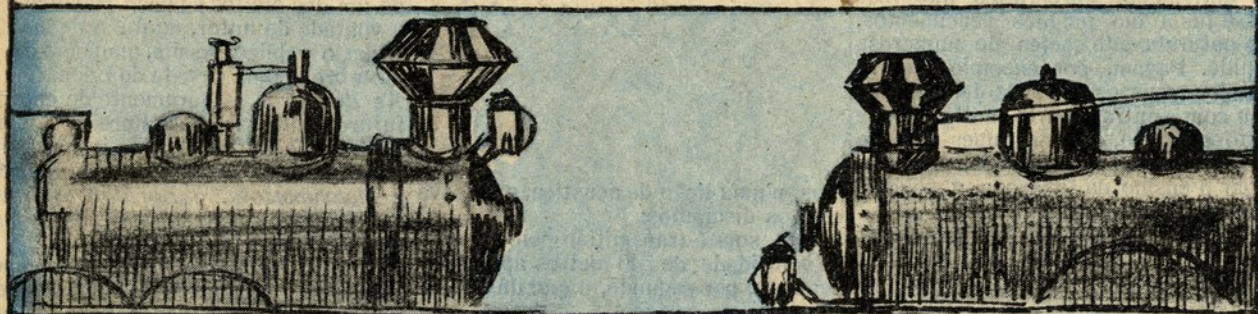


1.—Oh! Milagre! Manecas descobre uma corda resistente, que parece posta ali a propósito.

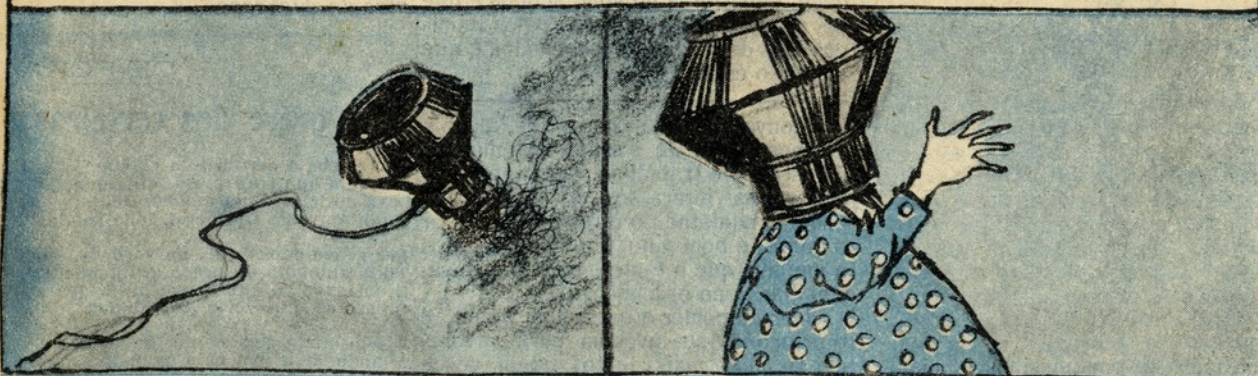
2.—Toma-a e corre ligeiro a uma *passarelle*, suspende-se n'ela arquejante.



3.—E' tempo. Os comboios avançam vertiginosamente para a catastrophe. Manecas, porém, lança o laço.



4.—Extraordinario acontecimento! O comboio recúa. Evita-se o choque. Manecas está satisfeitissimo.



5.—Mas, com a força empregada, a chaminé da locomotiva não resiste e voando pelo espaço

6.—enfia-se na cabeça do Manecas que se vê de repente com um chapéu alto *arte nova*.

(Continua).